

MAGAZINE

■ SH ■ CULTURA ■ GENTE

O Ira! está de volta

Nasi e Edgar Scandurra reuniram novamente a banda depois de sete anos. **Página 7.**

Carnaval de miriti

Bloco de Abaetetuba usa a palmeira para fazer as alegorias. **Página 3.**

NORTE

REFRIGERAÇÃO

UM BAILE DE OFERTAS IMBATÍVEIS.

A mais completa num só lugar

www.norterefrigeracao.com.br

Mendes

OLIBERAL

Amazônia mostra a cara na Alemanha

Produção artística da região encantou participantes de simpósio internacional, realizado pela Universidade Livre de Berlim

Ronald Junqueiro faz leitura do romance “Berlinda”

Literatura, música, fotografia e história abriram caminhos para mostrar a Amazônia como expressão de modernidade no encerramento do simpósio interdisciplinar e internacional no Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Livre de Berlim, no mês de janeiro. O evento foi uma das atividades da Cátedra “Sérgio Buarque de Holanda de Estudos Brasileiros”, que tem como titular o professor Gunter Karl Pressler, de Teoria Literária, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, no semestre de inverno iniciado em outubro de 2013.

Ao som da música “Morena das ilhas”, parceria dos compositores paraenses Ronald Junqueiro e Firmo Cardoso, interpretada pelo cantor Reginaldo Viana, professores e estudantes do Instituto de Estudos Latino-Americanos, da Universidade Livre de Berlim, na Alemanha, dançaram o ritmo da guitarrada da Amazônia. A canção foi apresentada pelo jornalista e escritor Ronald Junqueiro, como um dos temas da trilha musical composta para o romance “Berlinda – Asas para o fim do mundo”, durante a performance realizada no segundo dia do simpósio “Amazônia – modernidade polifônica e espaços culturais”.

Por cerca de duas horas, Ronald Junqueiro fez a leitura de quatro trechos de seu primeiro romance, editado pela Paka-Tatu e lançado em Belém, em novembro passado. O ineditismo da literatura que tem personagens agraciados com poemas musicados por parceiros desse projeto que juntou Alberty Albuquerque, Firmo Cardoso, Pedrinho Cavallero e Vital Lima, recebeu a atenção de participantes do



Brasil, da Alemanha e de outros países como Chile, Dinamarca, Estônia e México.

A performance de apresentação do romance e do CD “Berlinda – Asas para o fim do mundo”, composto por dez músicas, com produção no estúdio de gravação de Hélio Silva, foi entremeada por leituras e canções. E a história do personagem central, conhecido por Leo, foi sendo contada pelo autor e suas composições. O encerramento da leitura foi feito em grande estilo com o samba enredo “Derruba o muro, mistura tudo e que Deus nos acuda!”, musicado por Pedrinho Cavallero, apresentado por meio de um clip musical, com imagens das cidades de Belém e de Berlim, na voz do cantor Carlinhos Sabá.

A professora e diretora do Instituto de Estudos Latino-Americanos, da Universidade Livre de Berlim, Susanne Klengel, deu seu recado à plateia:

“O escritor Ronald Junqueiro criou o novo hino de Berlim!”. Na comemoração final, denominada de “Vinho de honra”, a trilha musical de “Berlinda – Asas para o fim do mundo” foi executada em sua versão instrumental.

MAX MARTINS

Nos dias de apresentação do simpósio, professores e estudiosos sobre a Amazônia se revezavam na sala de conferência abordando variados temas. Ana Pizarro, do Chile, falou sobre história da borracha; Mele Pesti, da Estônia, sobre o livro “Macunaima”, de Mário de Andrade; Christiane Quandt, da Alemanha, sobre Alejo Carpentier e sua viagem a Amazônia; Susanne Klengel, da Alemanha, sobre o termo “Putumayo”; Kevin Niebauer, da Alemanha, sobre a floresta; e Oliver Kozlarek, do México, sobre o antropólogo brasileiro

Eduardo Viveiros de Castro.

Um dos momentos que mais chamou a atenção dos participantes, foi quando a voz do poeta paraense Max Martins invadiu a sala onde estava sendo apresentado o simpósio. Ele declamava a sua obra “Ver-O-Peso”, criada em 1971, em um clip que roda nas redes sociais, onde a poesia se funde a imagens de feirantes e fregueses da famosa feira de Belém do Pará. O trecho com a voz do poeta é parte do vídeo “Porto Max”, produzido pela Fundação Curro Velho, nos anos 2000, e finalizou a apresentação do professor Gunter Karl Pressler que apresentou o tema “Poesia da Amazônia: entre crítica social e inovação estética (Max Martins, Paes Loureiro, Thiago de Mello e Walcyr Monteiro)”.

Segundo o professor Gunter Karl Pressler, pós-doutor pelas universidades alemãs de Osnaabrück e Constança, o texto

lírico causa efeitos peculiares no leitor devido a sua estrutura e composição poética. “A lógica e a coerência estética configuraram, mas não determinam a linha da interpretação social e política”, acrescentou. Durante sua exposição, também foram lidas as poesias “Os estatutos do homem”, de Thiago de Mello, de 1964; “Transa amazônica”, de Walcyr Monteiro, de 1977; e “Os rostos da Amazônia”, de João de Jesus Paes Loureiro, de 1985. Para Gunter Karl Pressler, a recepção do poema decide sobre sua interpretação estética e/ou ideológica. E divulgou que sua apresentação reflete sobre o espaço interpretativo da poesia lírica e política moderna da Amazônia.

BUG JARGAL DO PARÁ

O mineiro Vinicius de Carvalho, atualmente professor da universidade da cidade de Aarhus, que fica na Dinamarca,

divulgou sua pesquisa sobre o paraense José Cândido da Gama Malcher (1853-1921), que compôs a ópera “Bug-Jargal”, em 1890, nos tempos áureos do ciclo da borracha. No século XIX, sua apresentação foi considerada um momento de esplendor na Amazônia, tendo sido a primeira ópera do período republicano nacional.

Intitulado “Quando Victor Hugo encontra a revolução haitiana na Amazônia Oriental - a ópera ‘Bug-Jargal’”, o trabalho de Vinicius de Carvalho, que começou a gostar de ópera aos 12 anos de idade, quando morava em Minas Gerais e descobria essas composições em antigos LPs, foi mostrado com um trecho de filmagem de “Bug-Jargal”, ópera em quatro atos baseada no romance do escritor francês Victor Hugo, publicado em 1826.

Em Belém, a ópera “Bug-Jargal” foi encenada novamente, após 114 anos, no Teatro da Paz, em 2005, durante o IV Festival de Ópera, com partitura editada pelo regente e musicólogo amazonense Márcio Páscoa, direção cênica de Cleber Papa e regência do maestro Walter Lourenço. “Foi um resgate de um título esquecido e, assim, a Amazônia dá um exemplo que pode ser seguido pelo Brasil”, afirma o professor Vinicius de Carvalho, que começou a interessar-se pelo assunto em meados dos anos 2000, quando um amigo da cidade mineira de Juiz de Fora apresentou-lhe a “Bug-Jargal”, de Gama Malcher, com libreto de Vincenzo Valle (1857-1890), que relata os acontecimentos históricos de São Domingos (atual Haiti) no ano de 1790. E, só no início deste ano, o professor conseguiu a partitura da ópera, por meio de um livro editado pelo governo do Amazonas.



Gonzatto ressaltou importância das cores na obra

Gonzatto apresenta as cores de Luiz Braga

Imagens do fotógrafo paraense Luiz Braga inundaram a sala de apresentação do simpósio. Em uma grande tela, elas surgiam para basear o trabalho intitulado “Luz, ritmo e cor da Amazônia no trabalho do fotógrafo Luiz Braga”, de autoria de Camila Gonzatto, que mora em Porto Alegre, no Brasil, mas está vivendo um ano em Berlim, como parte de seu Doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Durante seus 45 minutos de apresentação, Camila Gonzatto apresentou Luiz Braga a

Berlim. “Ele é um fotógrafo de Belém do Pará, que desde o início da década de 1980 desenvolve um trabalho autoral na região amazônica. Suas obras já participaram de diversas exposições coletivas e individuais, em diferentes países, e receberam importantes prêmios”, relatou.

Nessa apresentação, Camila Gonzatto mostrava algumas imagens de Luiz Braga e ia discorrendo sobre as técnicas adotadas pelo fotógrafo. “O trabalho em cores de Luiz Braga é analisado a partir da luz e da cor encontradas na re-

gião amazônica em que vive. Braga, ao longo dos anos, desenvolveu uma territorialidade afetiva, que está expressa em diversas fases de seu trabalho”, finalizou.

ROMANCE NO IBERO

Além da performance apresentada no Instituto de Estudos Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim, o jornalista Ronald Junqueiro, participou de uma sessão de leitura no Iberoameikanisches Institut, também no mês de janeiro, onde apresen-

tou o livro e a trilha musical composta para o romance. Na plateia onde havia jornalistas, produtores e escritores, alguns paraenses foram até à sala do evento, entre eles a cantora de ópera paraense Adriane Queiroz, que está em temporada na Berliner Staatsoper, e o ator João Queiroz. Para eles, uma boa hora de matar saudade, enquanto viam o audiovisual dirigido pela jornalista Adelaide Oliveira, com edição de Sávio Palheta, com apoio da TV Cultura, que mostrava Berlim e Belém.